

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO: anno (30 n.º) 15000 rs.; semestre (25 n.º) 5000 rs.
FORA D'AVEIRO: anno (30 n.º) 15125 rs.; semestre (25 n.º) 5170 rs.
BRAZIL (moeda forte) e Africa oriental, anno... 15500

Publica-se aos Domingos

As assignaturas devem ser pagas adiantadas

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Na secção dos annuncios: cada linha 30 rs.
No corpo do jornal: cada linha 60 rs.
Numero avulso 30 rs.
Redacção e administração — rua Direita.

AVEIRO

DEPOIS DAS FESTAS

IV

Vae já longe a romaria do Porto e d'aqui a pouco ninguem se lembrará do ruido espectacular que a «Associação Liberal» houve por bem preparar para receber galhardamente a visita do chefe do estado e dos ministros que o acompanharam á invicta cidade. Tudo passou; só ficaram para a historia os documentos que ella terá de registar na serena contemplação dos factos curiosos que a monarchia e os seus adeptos nos estão apresentando quotidianamente.

D'esta vez coube á «Associação Liberal» fazer os seus salmales á realisa, como quem saúda o sol que desponta, o astro vivificador que se hade chamar —o Bom—o Honrado—o Constitucional—o Liberal, o Illustrado!

Extremamente curioso! Antes que a historia fizesse a critica d'um reinado folgassão, elles, os bons festeiros da «Liberal» apressaram-se a tecer a apothose em vida do chefe do Estado! Como a monarchia deve estar ufana de si mesma com tão desinteressados louvaminheiros e tão preclaros historiadores!

Mas o amor da gloria comprometteu-os. Mas a corôa do triumpho ter-se-ha convertido cedo em corôa de martyrio. A «Associação Liberal» para ser agradável ao rei, falseou o espirito de suas tradições, escarneceu da historia, illudio o povo.

E' o que nós temos querido demonstrar, escrevendo esta meia duzia de linhas, como protesto de indignação perante o espirito de servilismo que presidio á contextura da celebre allocução que servio de preambulo ás festas portuenses.

A Associação Liberal falseou o espirito de sua tradiçào, porque em vez de fazer notar ao rei que o jesuitismo se apossava arrogantemente do paiz, e que o Porto estava sendo o reducto de enormes elementos reaccionários, fez-lhe apenas ver que a cidade, em plena festa, regorgitava de alegria e gosava a amplidão desejada de todas as liberdades e de todas as regalias.

Escarneceu da historia, porque, em phrase aduladora, fez o pregão de virtudes e de merecimentos nimiamente hypotheticos para os presentes, e que só aos vindouros pertence o direito de apreciar e proclamar nas paginas imparciaes da historia patria.

Illudiu, finalmente, o povo, porque lhe descreveu o paiz repleto de prosperidades e cheio de franquias liberaes, e nós já vimos como a liberdade é entendida em Portugal e como vão prosperas as suas finanças e a sua administração; já vimos como o systema monarchico-liberal tem moralizado o povo por meio das eleições e do emprego, a sua arma de combate e o seu «anzol» corruptor... Quanto á instrucção, fallam alto as estatísticas: 75 por cento de analfabetos dão a medida do estado intellectual do paiz...

Albano Coutinho.

A SALUBRIDADE PUBLICA

Evaporou-se o zelo extemporaneo do sr. Manuel Firmino. Os leitores devem estar profundamente convencidos da verdade do que affirmámos no numero 78 d'este jornal.

O energumeno politico, chefe do partido progressista n'esta terra, não faltou ao que promettemos. Apareceu-nos com arreganhos de leão para desaparecer com humildades de sendeiro. Esgrimiu contra o cholera, qual outro D. Quichote, e depois fugiu envergonhado. O triste, escorraçado aqui por nós que de novo lhe arrancámos um bocado da mascara apontando ao povo as suas momices de bohemio ambulante, correu a esconder-se debaixo das fraldas do bispo. Pois nem á sombra da uncção beatifica d'esta creatura, nem mesmo protegido pela benção do prelado o pouparemos. Lá iremos enxotá-lo com o azorrague da justiça, fustigando-lhe as orelhas em nome da moralidade publica. E teremos de estender a pita, porque tanto é preciso, até ao lombo das autoridades administrativas de Aveiro. Lá diz o ditado com acerto:—Quem não tem vergonha todo o mundo é seu.

Aveiro é um monturo, onde pullulam os jesuitas como nos pantanos pullulam as rãs. E rãs e jesuitas por ahí vivem á vontade, incomodando nos a valer como o seu monotonico e fastidioso coaxar das trevas.

O moderno caudatario do bispo (leia-se governador civil) no seu amor pelo estacionamento, vae até á adoração pela porcaria lendaria da terra dos ovos molles. Elle não quer que Aveiro progrida durante a sua vida, nem mesmo no acéio.

Lá arranjou uma reunião, a que os jornaes da monarchia fizeram réclame, afim de resolver sobre as medidas hygienicas a tomar para afugentar o cholera. O que resolveu essa gente? Consta-nos que resolveu, depois de larga e acalorada discussão, deixar tudo como estava por causa dos arranjos.

das gerações futuras.

O sr. Felício dos Santos:—Eu não admitto que se fechem os portos a ninguém. Não tenho medo d'elles.

O sr. Saldanha Marinho:—Pois ou lhe affirmo que deve ter medo do povo, que afinal, e por si mesmo, se libertará d'elles. (Trocam-se muitos apertes. O sr. presidente reclama attenção).

Constam os nobres deputados que tratemos com calma esta gravissima questão. Desejo não ser interrompido, mesmo para que possa encadear a minha argumentação: parece-me que os dialogos não são, nem podem ser permitidos. (Apoiados) porque desnaturam de todo a discussão.

So os jesuitas, que ora são expellidos da Europa, procuram as nossas plagas, veem sem duvida reunir-se aos que já aqui estão, e com a sua «esplendida» phalange de irmãs da caridade, em favor de quem os nossos governos tem estendido o seu manto de perigosa complacencia, e irreffectiva benevolencia.

O sr. Jeronymo Sodré:—Estas irmãs da caridade tem prestado relevantissimos serviços ao paiz.

Vozes:—Oh! oh! (Muitos apertes).

O sr. Saldanha Marinho:—Deixemos este incidente, e de novo rogo aos meus nobres collegas, que me attendam. Discutámos com calma.

Está o governo legalmente autorizado a não consentir no estabelecimento de jesuitas no Brazil?

Entendo que sim.

Examinemos a questão pelo seu lado juridico: ... O breve «Dominus ac Redemptor», que extinguiu a ordem jesuitica, obteve o

Muito bem se deveria dar a epidemia comnosco! Os srs. Mendes Leite, Manuel Firmino e Valle Guimarães constituem uma tripeça soberba, onde o cholera se pode assentar á vontade com a certeza de não ser incommodado.

Creiam os aveirenses de que não ha para a cidade desgraça maior, mesmo que uma epidemia nos ataque, do que ser o sr. Mendes Leite o nosso governador civil, o sr. Valle Guimarães o nosso administrador, e o sr. Manuel Firmino o nosso presidente da camara.

O sr. Manuel Firmino, o mais perigoso de todos e o mais prejudicial, é um comediante que a fatalidade talhou para ser o arrieiro mór da cavalgada popular, cuja albarda Deus lhe conserve por largos annos; o sr. Valle Guimarães é um pachola, tão pessimo funcionario como seria optimo cura d'aldeia, se a providencia lhe tivesse dado corôa; o sr. Mendes Leite, esse, coitado, está senil de todo.

De profundis clamavi.

Que resposta deu o presidente da camara ás nossas reclamações? Nenhuma. O atrevimento d'aquelle individuo vae alem de todos os limites do decôro e da decencia. Tem o arrojo inaudito de dictar aos outros prescripções hygienicas, quando elle ou a camara, porque a camara é elle, conserva a cidade n'um perfeito charco. As intimações da opinião publica desprezam-se e espesinham-se. Pois a opinião publica, quando se sente ferida pelo desdem dos que tem o dever de a ouvir, quando se cança de clamar no deserto, marca com um vergalho o costado dos fargantes que a ludibriam até lhe arrancar a pelle aos pedaços.

O que fez o municipio do codigo de posturas? Os tanques dos chafarizes são verdadeiras sentinas, de que as mexeriqueiras conterraneas fazem a a vasa das suas immundicies; os despejos fazem-se para a rua descaradamente, a qualquer hora do dia; estendem-se roupas a corar nos sitios mais publicos e concorridos; as ruas, que atravessam o centro da ci-

dade, estão cheias de gatos e ratos mortos, que exhalam um cheiro infame; topam-se a cada passo montes de estrume, d'escaço, do diabo, puros focos d'infeccão. Será preciso repetir o que dissemos a respeito do caneiro, da rua de S. Martinho e outras, dos transportes d'estrume, do matadouro publico? Porque não manda o municipio lavar e desinfectar as sargetas? Porque não attende ao cemiterio, onde se estão accumulando cadaveres na mesma cova, sem que ao menos sejam cobertos pela competente camada de cal, a exemplo do que se pratica em todas as cidades civilizadas do mundo?

Deixem o bispo, srs. vereadores, e olhem para estas cousas que são mais importantes. Dispensámos repiques de sinos e foguetes em honra da padralhada, mas não dispensámos a melhoria nas condições hygienicas d'Aveiro.

Toquemos agora n'um ponto gravissimo. Referimo-nos ao caos. Aquillo está horrivel, sr.ª auctoridades. E' preciso mandar limpar aquella valla impura, e já. A camara diz que não ha dinheiro e talvez tenha razão.

O estado deve-lhe dar um subsidio para ajuda da limpeza da ria. Não atacamos por systema nenhum partido monarchico. Até onde entendemos que vae a responsabilidade da camara fustigamo-la sem dó nem piedade; porem não lhe podemos exigir mais do que lho permitem os seus rendimentos, na hypothese mesmo de serem cobrados á risca. O municipio, alem dos seus encargos onerosos, tem muito para onde se voltar. Por conseguinte, uma vez que se gasta illegalmente dinheiro em reparos dos conventos, para se proteger o jesuitismo, gaste-se alguma coisa em favor da saude do povo. A camara tem direito a exigir do governo que a ajude na limpeza da ria e só nos falta ver que o governo immoral, trapaceiro e esbanjador que nos administra se negue a isso, quando gasta centenas de contos em favorecer a canalha jesuitica. Se por acaso se der esse facto deve a camara contrahir um emprestimo e então pertence á commissão executiva da junta geral não lhe levantar obstaculos.

Limpe-se a ria immediatamente.

je, determinou que fossem «desnaturalizados», proscriptos, e effectivamente expulsos, para nunca mais poderem entrar em Portugal e seus dominios, os padres da companhia de Jesus, por serem notorios rebeldes, adversarios aggressores contra os Estados, contra a paz publica, contra o bem commum».

Não se tratando de cidadãos brasileiros, e sim de estrangeiros inimicos ás instituições livres e reconhecidos perturbadores da paz e socego publicos, não será aventuroso affirmar que essa antiga lei portugueza ainda regula no Brazil.

E é assim porque, antes e depois da Constituição, os jesuitas continuaram a ser considerados fora da lei.

Examinemos: Compulsada a legislação patria, achamos: A provisào de 20 de setembro de 1809 (do príncipe regente) que mandou reverter á fazenda publica as fazendas de gado que elles possuíam em Piahy;

A provisào de 25 de agosto de 1810, que deu destino, mandando arrendar, «por conta da fazenda publica», a um particular, a casa denominada «Noviciado», que a elles pertencera;

A provisào de 4 de junho de 1819 que mandou dar liberdade a todos os escravos a elles sequestrados em S. Paulo;

A provisào de 10 de abril de 1813 que mandou destinar o seu collegio na Bahia ao uso da Sé Cathedral;

A resolucão de 11 de julho de 1820 que mandou adjudicar ao fisco, as cartas de aforamento de terras que lhes haviam sido concedidas.

Em 1830 se autorizou a applicação de bens que haviam sido dos jesuitas, e mais

je, determinou que fossem «desnaturalizados», proscriptos, e effectivamente expulsos, para nunca mais poderem entrar em Portugal e seus dominios, os padres da companhia de Jesus, por serem notorios rebeldes, adversarios aggressores contra os Estados, contra a paz publica, contra o bem commum».

Não se tratando de cidadãos brasileiros, e sim de estrangeiros inimicos ás instituições livres e reconhecidos perturbadores da paz e socego publicos, não será aventuroso affirmar que essa antiga lei portugueza ainda regula no Brazil.

E é assim porque, antes e depois da Constituição, os jesuitas continuaram a ser considerados fora da lei.

Examinemos: Compulsada a legislação patria, achamos: A provisào de 20 de setembro de 1809 (do príncipe regente) que mandou reverter á fazenda publica as fazendas de gado que elles possuíam em Piahy;

A provisào de 25 de agosto de 1810, que deu destino, mandando arrendar, «por conta da fazenda publica», a um particular, a casa denominada «Noviciado», que a elles pertencera;

A provisào de 4 de junho de 1819 que mandou dar liberdade a todos os escravos a elles sequestrados em S. Paulo;

A provisào de 10 de abril de 1813 que mandou destinar o seu collegio na Bahia ao uso da Sé Cathedral;

A resolucão de 11 de julho de 1820 que mandou adjudicar ao fisco, as cartas de aforamento de terras que lhes haviam sido concedidas.

Em 1830 se autorizou a applicação de bens que haviam sido dos jesuitas, e mais

je, determinou que fossem «desnaturalizados», proscriptos, e effectivamente expulsos, para nunca mais poderem entrar em Portugal e seus dominios, os padres da companhia de Jesus, por serem notorios rebeldes, adversarios aggressores contra os Estados, contra a paz publica, contra o bem commum».

Não se tratando de cidadãos brasileiros, e sim de estrangeiros inimicos ás instituições livres e reconhecidos perturbadores da paz e socego publicos, não será aventuroso affirmar que essa antiga lei portugueza ainda regula no Brazil.

E é assim porque, antes e depois da Constituição, os jesuitas continuaram a ser considerados fora da lei.

Examinemos: Compulsada a legislação patria, achamos: A provisào de 20 de setembro de 1809 (do príncipe regente) que mandou reverter á fazenda publica as fazendas de gado que elles possuíam em Piahy;

A provisào de 25 de agosto de 1810, que deu destino, mandando arrendar, «por conta da fazenda publica», a um particular, a casa denominada «Noviciado», que a elles pertencera;

A provisào de 4 de junho de 1819 que mandou dar liberdade a todos os escravos a elles sequestrados em S. Paulo;

A provisào de 10 de abril de 1813 que mandou destinar o seu collegio na Bahia ao uso da Sé Cathedral;

A resolucão de 11 de julho de 1820 que mandou adjudicar ao fisco, as cartas de aforamento de terras que lhes haviam sido concedidas.

Em 1830 se autorizou a applicação de bens que haviam sido dos jesuitas, e mais

(5) Folhetim

DISCURSO PRONUNCIADO NA CAMARA DOS SRS. DEPUTADOS DO IMPERIO DO BRAZIL

Na sessào de 16 de julho de 1880 Pelo sr.

Saldanha Marinho

Em todas as partes onde os jesuitas tem livremente funcionado, se nota uma circumstancia sem duvida digna da maior consideração: a ruina de muitas fortunas particulares.

No confessorio, e na hora extrema, falando sempre do inferno, e ameaçando com as penas eternas, ageitam heranças, e conseguem forçadas doações.

E a quadilha, permissão-se-me o termo, mais bem organizada pela sua guarda avançada das irmãs da caridade, tem arrancado do paiz centenas de contos de reis. Por quasi todos os paquetes remettom sommas avultadas que vão ser entregues ao centro da ordem, na Europa. Conhecem que a caridade é uma das principaes virtudes dos bra-

zileiros, e a exploram de modo inaudito.

O sr. Jeronymo Sodré:—Chega a intolerancia até ao ponto de não querer que se dê esmola!

O sr. Saldanha Marinho:—A intolerancia chega até ao ponto de pretender que se possa explorar a caridade publica, em proveito da nefanda congregação politica dos jesuitas. O paiz e os povos civilizados que nos julguem.

O sr. Jeronymo Sodré:—Ficamos nós catholicos sem o direito do damnos o que é nosso á Curia Romana, quando assim o entendermos!

O sr. Saldanha Marinho:—Mas não seja o Estado connivente em tão escandalosa exploração, não autorize jámais, nem com a sua accção, nem com a seu silencio, que se firme e perpetue entre nós, essa cañha de mercadores do templo.

O sr. Jeronymo Sodré:—Desde que V. Ex.ª trata assim a todos os catholicos...

O sr. Saldanha Marinho:—Não confunda o nobre deputado, catholico com jesuita. (Apoiados) Jesuita não é catholico, é simplesmente jesuita. (Riso). O Jesuita não é o padre severo da Igreja de Christo, é o membro de uma sociedade corrompida e estigmatizada por todos os povos.

O sr. Jeronymo Sodré:—O paiz que julga da moderação de V. Ex.ª em relação a isto.

O sr. Saldanha Marinho:—Julgar-me-ha com vantagem minha. (Muitos apoiados no salão e nas galerias. O sr. presidente reclama silencio). Tenho consciencia d'isso, porque só assim cumprio o meu dever. E fique V. Ex.ª certo que todos aquelles que sustentarem que a admissão dos jesuitas n'este paiz póda ser tolerada, concorrem para a desgraça

dê por onde dêr, que assim o exige a saúde da população.

O sr. administrador será muito boa pessoa, porém como funcionario é a cousa peor que se pode encontrar. Para se sêr bom administrador de concelho não basta só a honradez e seriedade; é preciso sêr-se muito energico, muito activo e pôr-se a politica completamente de parte. Ora o sr. Valle Guimarães satisfaz as primeiras condições, mas não satisfaz as ultimas. Pelo amor de Deus, deixem-no em paz com o lenço vermelho e a caixa do rapê! Quem andou não tem para andar.

Queriamo-lo vêr a inspecionar activamente todas as tabernas, todas as mercearias, todos os talhos, todas as casas particulares, todas as praças, finalmente tudo onde se vendem as descancaras os generos alimenticios adulterados e falsificados e onde ha porcaria enorme. Mas qual! Encontramo-lo sempre parado, com o famoso lenço vermelho em punho, a notar a direcção do vento.

Vamos, o sr. Valle Guimarães está velho e precisa de descanso. Nomeie-se, pois, um administrador capaz de fazer alguma cousa.

Sr. Governador civil, bem sabemos que são inúteis as nossas reclamações. E' V. Ex.ª que tem a culpa de tudo isto; cabe-lhe a responsabilidade maior. V. Ex.ª é mil vezes peor do que os outros, porque os não faz cumprir o seu dever. A primeira auctoridade do districto dá o exemplo na mandrice e no desleixo.

V. Ex.ª é dos taes que nos desprezam, e portanto dos taes que perderam ha muito a vergonha.

A nossa linguagem tem sido moderada. Duzias de vezes pedimos providencias, sem ninguem nos ouvir. As auctoridades é que fazem com que a imprensa seja ás vezes bastante violenta. Pelo que nos toca, vamos trata-las como ellas o merecem.

Não mais respeito, não mais contemplações com quem espesinha, ridicularisa e troça a opinião publica. Marcar-lhe-hemos o lombo com um ferro em brasa. Azorragas-las-hemos com a maxima dureza e o maximo desprendimento.

Contem conosco.

O nosso segundo anniversario

Faz depois d'amanhã dois annos que se fundou n'esta terra o Club Eleitoral Republicano Aveirense.

Passaram-se dois annos no meio d'uma lucta tenaz pela grande causa da Republica, em que por varias vezes temos obtido o triumpho. Dois annos d'esforços persistentes, dois an-

ainda se confirmou a carta régia de 28 de julho de 1819 que considerou extinta a companhia de Jesus, sem duvida por força da anterior legislação.

A ordem do thesouro, de 13 de maio de 1836, ainda considerou em vigor a extincção da mesma companhia, para julgar procedente o sequestro de bens que lhe havia sido determinado.

Em 1838 se mandou que, na igreja matriz da Fortaleza, se usasse de uma lampada que pertencera aos jesuitas.

Em 1851 se deu destino ás alfaias de praça que haviam sido sequestradas á companhia.

Os effeitos da legislação de 1759 em diante, relativos aos jesuitas, têm sido respeitadas no Imperio.

A legislação anterior é vigente, até que por nova lei seja expressamente revogada; portanto dizendo que o governo está armado de faculdade legal, para não consentir no estabelecimento de jesuitas entre nós, não exija uma violencia.

Em todo o caso pergunto ao governo: Considera em vigor, no Imperio, a legislação portugueza a que me tenho referido, e conforme a lei brasileira de 1823 da assembleia constituinte, e julga-se com força bastante para executar-a?

Necessita de nova lei para impedir o estabelecimento de jesuitas entre nós?

Antes de tudo cumpre ao governo ser franco, explicito e positivo n'esta gravissima questao.

Diga o que quer, mas faça-o de modo a não mistificar o espirito publico.

Admitte ou não os jesuitas no Brazil? Aceita ou repelle esse elemento de anarchia religiosa, de perturbação das consciên-

cias, de politica retrograda, de perversão moral, e destruidor de todos os principios saos de liberdade?

Quer fazer o bem? deseja que as gerações futuras encontrem firmadas as bases de sua prosperidade, e o não amaldiçoem por sua actual desidia, por seu erro presente, senão pelo crime que ora commettam de leso-patriotismo?

Se como desejo, e lhe cumpre, está de animo firmado para fazer o bem a este paiz; e se por ventura entende que não está armado legalmente, para obstar a organização aqui d'essa ordem fatal á humanidade, e actualmente repellido por todos os povos cultos, venha ao parlamento e peça as indispensaveis faculdades; ellas lhes não faltarão, desde que se manifestar sinceramente empenhado por obter as. Como sabe, esta camara nada lhe negará.

Não se illuda o governo: a sua responsabilidade é extraordinaria. Os inimigos, os mais ousados da civilização moderna, os agiotes das consciências, os conspiradores perenes contra as liberdades publicas, os grandes demolidores das instituições democraticas, os condemnados pela propria Igreja, os reos de alta tração a tudo que é socialmente grande e nobre; os inimigos communs de todos os povos bateram-nos as portas.

O patriotismo ll'as trancará para sempre; o egoismo, a perversão, a immoralidade, e o crime, ll'as abrirão de par em par. Escolha o governo entre esses dois divites, mas faça-o com franqueza, faça-o sem mistificação, diga ao povo brasileiro para onde o quer conduzir.

Assim ponho termo ao segundo ponto da minha interpellação.

Assim ponho termo ao segundo ponto da minha interpellação.

Viva a Republica!

A ENTRADA DO BISPO

Foi uma festa muito ridicula a que se realiso em Aveiro no ultimo domingo. O jesuita mór da Gloria não se sabbu muito bem da empreitada, mas emfim antes assim do que peor.

Não temos tempo, nem pachorra para descrever aquella entrudada.

Quem não viu já uma procissão com tres cruces alçadas e duas duzias de marmaros agarrados a uns sebetissimos brandões?

No meio de tudo aquillo o que mais nos despertou a curiosidade foram cinco figuras importantes, que iam no cortejo.

Uma era um padrea, novo ainda, que ia mettido entre os irmãos da Ordem Terceira. Que typo! Que soberbo typo! Todo elle era unção, tão curvado, silencioso e recolhido avançava. N'aquella cara exquisita estava estampado o signal evidente d'um fanatismo cruel, d'aquelle fanatismo que leva os homens a empurrar os hereticos na forca ou atizar nas praças as fogueiras que os hão de devorar.

Coitado. E' um pobre jesuita que ha de ficar sempre na lama, emquanto os outros fazem d'elle degrau para subir. Porque, saiba-se, nem todos os jesuitas são expertos.

Outra era o padre Candido. Que jesuita! Esse pertence ao grupo dos expertos. Riso para a direita e para a esquerda, amabilidade para aqui e para acolá, alegre, satisfeito, revendo-se na sua obra gloriosa, que lhe ha de render pelo menos sêr elevado a conego effectivo dentro de pouco tempo! E' perigoso, aquelle jesuita. Em guarda, liberaes!

Segue-se o bispo. O bispo é agradável, apresentando-se bem. Ha de sêr

clerical, porque é bispo, mas como não é amigo intimo dos jesuitas e promete chegar aos padres brejeiros esperemos com benevolencia os seus actos.

Eis a figura proeminente do cortejo:—o governador civil. A que vergonha se sujeitou aquelle homem! Causou-nos tanta pena e repugnancia vêr o velho Mendes Leite n'aquella triste posição de caudatario do bispo, que nos passou um instante pela mente a edêa atrevida de o arrancarmos do meio do cortejo.

A primeira auctoridade do districto agarrada á cauda do padre! Esta só pelo diabo. O sr. Mendes Leite parece que está doido varrido.

Chegámos a um tempo tristissimo. O clero levanta-se ousado e atrevido. A Igreja impõe-nos os seus privilegios. E as auctoridades receiam-na e curvam-se diante d'ella como mansos cordeirinhos. Se o povo julga que não teve importancia o facto do governador civil ir a pegar no rabodo prelado enganase. Aquillo era a auctoridade religiosa esmagando a auctoridade civil com o seu orgulho petulante; era a Igreja a ostentar a sua superioridade sobre o Estado; era o clero dominando o funcionalismo civil.

E o governador civil prestou-se a servir de laçoi! Tenha vergonha, que está em idade de a ter.

A restante figura era a mais ridicula de todas:—o Zésinho Serrano. Não lhe dariamos a importancia de lhe citar o nome, se não tivéssemos precisão de fazer notar ao sr. governador civil que era aquelle homocidista o que devia pegar na cauda ao bispo.

Tanto nas proporções phisicas, como nas proporções moraes, era o Zésinho que estava talhado para creadito do padre. Elle bem se matou a pedir ao governador civil que lhe cedesse o lugar, mas o nosso primeiro magistrado cahiu na parvoice de o repellar.

Se o homem levava casaca, não comprehendemos a teima do sr. governador civil!

De resto foi altamente apalçada toda aquella bambochata. O Chrisma, a investidura, a romaria para a cadêa e para Sá tudo foi burlesco.

E como não havia de sêr burlesco se ia lá a camara municipal?

Desengane-se o sr. Bispo. Emquanto trouxer atraz de si a gente que traz, não consegue fazer-se respeitar.

EXCERPTOS

Mimos offerecidos ao reverendo bispo que nos visita.

« Se quereis ver um homem descrente, tirei-lhe o pão. Se não dessem nada aos pobres por amor de Deus, estes não acreditariam na Divindade.

A igreja sceptica acende com a palavra a fé das massas populares; depois alimenta-a com a esmola; a pregação e a caridade foram sempre os meios efficazes, de que o clero se servio para guerrear os poderosos da terra.

Confinou com acanhamento, conhecendo que estou abusando da benevolencia d'esta camara, (não apoiados), mas desculpem-me os meus honrados collegas, attendendo a que me foi concedida a palavra, muito depois da hora, que estava designada para as interpellações que eu havia annunciado; e que a importancia dos objectos de que já me occupei, e de que me occuparei ainda, me obrigam a não descer já da tribuna. Farei por abreviar, quanto me fôr possível, as observações com que tenho de justificar a pergunta que ora dirijo ao governo.

Passo ao 3.º ponto: «O governo adopta a instituição do casamento civil?»

Sr. presidente, antes de 1879, antes de começar esta legislatura sob a influencia liberal, já nos archivos d'esta camara jaziam afitados ao pó da secretaria, projectos para a instituição do casamento civil!

Esta materia, aliás de tanto alcance social, esta medida tão altamente reclamada pelo paiz, foi assim descommunalmente preterida. Entrando para o parlamento, e no intuito de vêr discutida e adoptada essa instituição, no meu conceito, urgentissima, foi um dos meus primeiros cuidados apresentar um novo projecto para esse fim, projecto que vein apporado pela auctoridade insuspeita do Instituto da Ordem dos Advogados brasileiros.

Esse projecto, aliás apresentado em fevereiro do anno proximo passado, acha-se até agora na pasta das commissões, a cuja apreciação foi sujeito.

Estamos com mais de dois mezes de sessão n'este anno, e essa illustre commissão não se dignou ainda honrar-nos com o seu parecer. V. Ex.ª sabe que no regimento ha remédio contra a inercia, ou desidia das com-

Mas o clero, o magnanimo e benaventurado clero é em rigor um usurario medonho que dá um sob condição de receber mil. Nenhum meio escapa á sua enfurecida concupiscencia; especula com a doenca, com as lagrimas, com as dores, com o nascimento, com o matrimonio, com a morte, com a esperanza, com o terror, com a ignorancia, com o preconceito, com a alegria e com os instinctos.

A igreja criou protectores para todas as necessidades humanas; tem um santo que cura braços e pernas, outro cura gargantas; uma santa cura a hydrophobia, outra as molestias herpeticas; um santo nos livra dos leões, uma santa nos guarda dos raios. Não obstante Christo ser um só, a igreja tem criado centenas de Christos para explorar as nossas mil desventuras: ha Jesus da boa morte; Jesus dos Afflictos; Jesus das Cadeias; Jesus dos Passos, etc.

A mãe de Christo é tambem apresentada sob varias formas: ora é Senhora da Bonança, e nos livra das tempestades; ora Senhora dos Afflictos e nos livra de grandes dores; ora Senhora de Monserrate é faz com que as mulheres param sem dor; Senhora da Gloria, da Conceição, da Penha, da Lapa, do Resgate, da Esperança, da Guia, etc. Se uma rapariga quer casar, é pegar-se com Santo Antonio; se quer um namoro, um passatempo, é ir dançar ás fogueiras de S. Pedro ou S. João.

Quem quer trepar mastros, e correr a desafio vae ás festas do Espirito-Santo. Quem quer gosar um espectáculo esplendido e entregar cartas á amante ou arranjar-a, se não a tem, vae ás festas de igreja; ahí não falta nada: aproximações faceis, mulheres formosas, perfumes, flores, lustres de cristal, alampadas de ouro e de prata, luzes com profusão, canticos, musicas, sedas, brocados, declamações, lances agradaveis, quadros patheticos, agua pura, saborosos doces e vinhos preciosos.

A essas festas assiste, é verdade, quem quer; mas os logares de preferencia são particularmente concedidos aos que concorrem para a despeza; e junto de cada altar ha uma salva para os concorrentes deitarem o obulo. Com estas festas á gloria de Deus tambem os padres justificam a posse dos bens materiaes vinculados ás igrejas.

O que são os padres nos pomposos espectaculos que dão nos seus templos? São verdadeiros actores, que a troco de algumas moedas de ouro divertem o povo: a igreja condemna os actores e prohibe os espectaculos civis com o fim de ella só explorar a necessidade que o homem sente de reunir-se e consolar-se de tempos a tempos por factos que lhe impressionem os sentidos.

Que são as basilicas christãs senão vastos e esplendidos theatros?

Que é o Vaticano com o seu Jupiter baptisado em S. Pedro, com as suas estatuas gregas, com as suas pinturas semi-pagãs, com os seus mau-

missões, mas esse remedio tambem tem sido esquecido!

Sabemos que nenhuma materia é dada para ordem do dia sem accôrde com o governo, para com quem o nobre presidente da camara guarda sempre esta deferencia.

E', pois, com o governo que nos devemos entender, visto que do governo «sómente» depende tudo quanto tem esta camara de discutir, e de deliberar.

Esta instituição, aliás combatida, «totis viribus» pelo ultramontanismo e pelos bispos rebeldes ás leis do Estado, é indispensavel no Brazil, especialmente nas condições difficilissimas e sumamente prejudiciaes em que nos tem collocado a fatal igreja do Estado. (Apoiados).

Já tenho na imprensa, e n'esta tribuna demonstrado, e com vantagem, a necessidade de adopção do casamento civil. E nem é mister dizer mais n'esta occasião, bastando lembrar que quasi todos os paizes mais adiantados, mesmo os catholicos, têm reivindicado esse direito do Estado, que a Igreja romana no fim positivo de sua politica, e para influir na familia, usurpara. (Apoiados).

Hoje, senhores, só pretendo que o governo declare o que intenta sobre tão momentosa questao.

Reclamações como as de instituir-se entre nós o casamento civil, não podem, não devem ser tratadas com o desleixo, com o desprezo, que temos notado da parte do governo. (Não apoiados; apoiados). O que é certo é que o projecto que apresentei nem tem obtido parecer da nobre commissão, nem tem sido dado para ordem do dia, porque o governo assim o tem determinado.

N'esta situação provooco o governo a que

soleus senão o rico paço d'um rei soberbo e um templo de paganismo?

A igreja criou, como dissemos, um protector para cada uma das nossas necessidades, das nossas aspirações e para qualquer dos nossos instinctos; até sanctificou o morticínio, o roubo, a guerra, a denuncia, a espionagem e a conquista! As provas estão nas carnificinas exercidas nos albigenos e nos huguenotes; nos sequestros, nos julgamentos e nas fogueiras da Inquisição; nas cruzadas, e nas expedições á Africa, á Azia e á America.

S. Thiago é um santo guerreiro, é um apostolo que resuscita uns poucos de seculos depois de ter morrido, e que armado d'um espadagão apparece na Hespanha a acutilar os mouros; ninguem porém vio o guerreiro apostolo senão a igreja, e muito tempo depois de elle haver perpetrado tamanha façanha propria dos heroes ferozes e barbaros de Homero, e indigna d'um dos companheiros de Jesus.

Dissemos que a igreja criou protectores para cada um dos nossos desejos, e cada uma das nossas necessidades com o fim de explorar; este facto, que é do dominio publico, não o precisamos provar. Toda a gente sabe que a protecção dos entes da igreja é condicional; para conseguir um favor de Deus, da Virgem, dos santos é preciso fazer-lhes uma promessa, a qual consiste n'uma quantia em dinheiro, ou n'um objecto que o represente; em missas e em penitencias. Ora como Deus, a Virgem, os santos são apenas figuras inanimadas, o dinheiro que lhes é dado, recebem-no e utilisam-no os padres. A missa é uma funcção propria e especial do sacerdote que não a diz senão por certa somma de dinheiro. O padre tem a faculdade de substituir a penitencia por dinheiro ou cousa que o valha.

O peccado tem sido a mais copiosa fonte de rendimento do clero; uma bulha que se compra pela insignificante quantia de 40 reis põe-nos na graça de Deus por centenas de annos; a troco d'uns emolumentos os bispos e os pontifices perdoam as faltas mais graves, ás vezes crimes tão horrendos como o homicidio!

Cada freguezia, cada capella tem o seu padroeiro ou um santo da sua invocação; as promessas feitas a esse santo revertem em beneficio do padre que exerce ahí o culto. A igreja toda—a congregação de todos os christãos—tem em S. Pedro um protector geral; ora como o papa é successor de S. Pedro, as infinitas promessas feitas a este santo revertem em utilidade do pontifice. O papa em virtude de ser o representante de S. Pedro recebe annualmente sommas enormes. O dinheiro de S. Pedro torna o papa um dos mais ricos e mais poderosos senhores do mundo. Com esse dinheiro os chefes da igreja tem muitas vezes comprado polvora e bala para defender ou levantar o predomínio do clero; não raro acontece que os que dão esmola a S. Pedro na ingenua persuassão de que preparam uma fe-

com franqueza se pronuncie pró ou contra essa idéa.

Quer ou não a instituição do casamento civil?

Responda-nos com lealdade e tenha a coragem de seus actos.

Passo ao 4.º ponto das interpellações.

«Está o governo resolvido a manter a negação de recurso ao clero brasileiro, relativamente ás suspensões ex-informata conscientia?»

O clero serio, o mais illustrado e digno, o sacerdote brasileiro que sabe harmonisar os seus deveres religiosos com os que lhes são imprescindiveis de cidadãos de um paiz livre, acha-se aterrorisado ante o descommunal e incorrigivel poder dos bispos romanos, comprehendendo que sem que se lhe instaurar um processo, sem que, nem particularmente, se dê lugar á defeza, e independentemente de ser ouvido e convencido, pôde ser fulminado com a suspensão da «ex-informata conscientia», e por ella privado arbitrariamente do officio de beneficio.

O sacerdote brasileiro, que não pôde, mesmo pelo seu ministerio, lançar-se a uma occupação qualquer, fica reduzido, por um simples capricho episcopal, á mais horrivel miseria. Dos assim fulminados em gloria dos servicos de Roma, alguns já tem succumbido á falta de meios de subsistencia.

Os srs. Danin e Santa Rosa:—Apoiado.

O sr. Saldanha Marinho:—Contra tanto arbitrio, contra tão aviltante capricho é reclamada uma garantia qualquer, e essa garantia não pôde deixar de ser o recurso para os poderes politicos, das despoeticas sentenças dos bispos.

licidade, cahem aos golpes do punhal d'um bandido ou aos tiros do trabuco d'um guerreiro: maldita illusão essa que arrasta cegamente o homem a amar os seus assassinos!

O que prova tudo isto senão que a religião da igreja é uma especulação material do clero?

Se o sacerdotio não desse de comer, de beber, de vestir, de calçar; se não facilitasse os meios de satisfazer as necessidades e prazeres materiais do homem, ninguém quereria ser padre.

Francamente, não cremos na sinceridade da fé dos padres; acreditamos na ingenuidade da crença das massas ignorantes.

BAIRRADA

Quando por toda a parte se tomam as mais rigorosas medidas de prevenção contra a aproximação do cholera; quando de Lisboa e Porto se recomendam os preceitos mais em harmonia com a boa hygiene para serem postos em practica em todo o paiz, a camara d'Anadia e o administrador do concelho não dão o mais pequeno signal de vida e deixam que, em pleno recinto das suas attribuições auctoritarias, exista um foco de infecção, extremamente perigoso em todo o tempo, e hoje mais do que nunca comprometendo a vida d'uma povoação inteira. Referimo-nos á freguesia de S. Lourenço, uma freguesia enorme que não tem onde fazer os enterramentos; porquanto o pequenissimo cemiterio que ali existe, pela grande accumulção de cadáveres e irregular disposição das sepulturas, está apresentando exalações putridas que ameaçam a saúde publica. A povoação tem corrido ao cemiterio, deitando cal e água sobre o solo, mas o mau cheiro continua e a auctoridade administrativa não tem tomado nenhuma providencia para evitar o desenvolvimento d'uma epidemia que pode comprometer a saúde de todos os povos da Bairrada.

A junta de parochia de S. Lourenço anda em guerra desabrida com o parcho. Este, apesar de viver junto ao cemiterio, cremos que nunca se importou devidamente com o modo como se faziam os enterramentos. As sepulturas eram abertas a pouca altura; o numero d'ellas cresceu extraordinariamente e o desleixo e o desmazelo com que todos olhavam para o cemiterio deram em resultado achar-se ali hoje um verdadeiro foco de infecção, que é preciso remover, custe o que custar.

Se o administrador do concelho não se sente com energia para providenciar sobre o caso; se a camara, alheia completamente á sua missão de protecção aos interesses dos municipios, só cuida de collocar arvores ás portas dos seus vercaeres enfeitados, cumpra o sr. governador civil o seu dever, mande immediatamente fazer uma inspecção rigorosa ao cemiterio de S. Lourenço, faça proceder aos enterramentos em outro ponto da freguesia e tome á sua conta a junta de parochia que parece andar tão fóra dos eixos, como o proprio parcho, para quem a saúde publica ao que se vê—vale bem menos do que a apetitosa congrua que elle não dispensa aos freguezes.

CARTAS

Não recebemos carta do nosso estimavel correspondente de Lisboa.

O sr. Mendes Leite deve estar contentissimo. O jornal dos granjolas sahili em defesa da canalha jesuitica, que aquelle funcionario descaradamente protege. O peor para si, é que o tal articulista catholico mette os pés por as mãos e esmurra o nariz na ignorancia de que dá provas pelo menos meia duzia de vezes. Está completa a ruina moral do sr. Mendes Leite. Só lhe faltava a maior de todas as desgraças:—sér applaudido nos seus prepositos damnados pelo órgão da Vera Cruz.

Mas espere ahí, seu articulista pimpão, que lhe queremos applicar meia duzia de palmatoadas.

Então com qué, nós, em vez de instruímos o povo com as practicas salutaras dos bons principios, esfarçá-

mos-nos por desvirtuar as melhores intenções, dizendo-lhe que a virtude é uma mentira e calumniando os adversarios?

Tanto descaramento espanta-nos. Quem lhe deu licença para fallar em virtude, sr. articulista atrevido? Não manche essa palavra e cale-se. *Practica salutar dos bons principios* está, entre muitas cousas, em dizer ao povo que o partido progressista não tem pudor nem dignidade. Não tem pudor nem dignidade, porque arremessou ante-hontem com lama á cara do rei, chegando a insultar-lo na vida privada, para hontem lhe beijar o pé e voltar hoje outra vez a ladrar-lhe aos tacões dos sapatos; porque umas vezes publica na imprensa artigos republicanos, outras, artigos defendendo os jesuitas; porque hoje nos abraça julgando que lhe favorecemos os interesses e amanhã tenta cravar-nos nas costas o punhal traçoero, ao vêr que se enganou; porque acima dos principios, das crenças, da honra politica e do interesse da patria só colloca a barriga sobrepujando a tudo e a todos. E' dizendo isto que caluniamos os adversarios? O órgão dos progressistas esquece-se de que tem caluniado com os da sua grei toda a gente honrada e seria do paiz.

«Não nos apavora, que os reaccionarios trabalhem, montem escolas e espalhem na terra a semente das suas doutrinas. Estão no seu direito, que é igual ao da republica.»

Bem sabemos que o não apavoram as escolas e as doutrinas dos reaccionarios. Se não fossem ellas, o povo teria em breve a illustração necessaria para apear a albarda que traz ao lombo, fustigar com a cilha a cara de todos os especuladores e quebrar-lhe as costellas com a retranca. Se não fossem ellas, não poderia o antigo *Campeão das Provincias* empregar com vantagem contra o grande José Estevão os meios que empregou para o derrotar em Aveiro, chamando-lhe maçonico, pedreiro livre, inimigo da santa religião.

Quanto a sér igual o nosso direito ao direito dos jesuitas, olhe que se engana. O partido republicano é reconhecido hoje em toda a parte do mundo e por todos os partidos monarchicos como um partido legal, ao passo que o jesuitismo é prohibido e castigado pelo código de quasi todas as nações da Europa.

«Apenas extranharíamos que se servissem do pulpito e do confissionario para á sombra da religião santa de Jesus Christo propugnarem por as cousas politicas, de que deve andar arredada a igreja catholica.»

E o que é que nós combatemos senão isso? O refinadissimo hypocrita do articulista do *Campeão* conhece demais a propaganda violenta, que os padrecas fazem contra a liberdade do alto do pulpito e de dentro do confissionario. Diz que a Igreja deve andar arredada da politica, quando a maioria dos tonsurados do districto constitue uma tropa famosa de galopins eleitoraes da granjolada, tão famosa que alguns d'elles chegam a falsificar attestados e a praticar gentilezas identicas para lhe arranjar votos.

«Mas se a republica é uma ideia politica, porque procura envolver-se e enredar-se no que respeita ao dogma e á disciplina da igreja catholica?»

Porque a Republica, seu tolo, funda-se na sciencia, na consciencia, na liberdade, na razão e o dogma é a negação de tudo isso, um absurdo que só os parvos aceitam ainda. Porque a Republica é o regimen da liberdade e da igualdade e a disciplina da Igreja tende á absorção de todos os privilegios, a constituir um Estado dentro do Estado. A Republica repelle o dogma, como repelle todos os erros; repelle a disciplina da Igreja catholica, porque repelle a propria Igreja. Aceita esta e as demais, mas não dá o exclusivismo a nenhuma.

«Pois querem uma republica fundada nos erros grosseiros da que procurava firmar em França o culto da deusa Razão?»

Não diga asneiras. Foi essa

Republica, que tantos desdens lhe merece, que regenerou o mundo dando-lhe a liberdade e assentando em bases solidas as forças vivas das sociedades modernas. Alli tomaram vida e calor os principios radicaes que tanto adoramos e porque tanto combatemos. D'alli irradiou o progresso, sob todas as suas formas e manifestações. Lá surgiu o poder grandioso da soberania popular, passando ao resto da Europa a levar os seus golpes valentes ao throno carcomido do velho absolutismo.

Sim, foi o culto da deusa Razão que guiou a democracia, a travez da humanidade escravizada, elle a' guia hoje, elle a guiará eternamente.

«Ninguém deve esperar generosidade e amor do proximo quando estiverem de cima, dos que nos dias de provação exigem o exterminio dos que contemplando com saudade o passado, se transformaram, como a mulher de Loth, em estatuas de sal.»

Quem se transformou em estatuas de sal? Os jesuitas?

E' parvinho chapado, ou proximo parente, de certo, do ex redactor litterario ou do ex revisteiro das revistices. Não exigimos o exterminio de ninguém, exigimos a applicação da lei, simplesmente. E' crime reclamara lei? Para os monarchicos sempre o foi. Para elles não ha lei, nunca a houve.

Quanto a generosidade e amor do proximo, a prova de que o temos está em o aturarmos com caridade evangelica.

«Respondamos ás suas prêdicas com a doutrina liberal, que nos ensina o respeito por todas as parcialidades, combatendo os seus erros, dando para baixo nas suas demasias, oppondo escola a escola, propaganda a propaganda, e exigindo dos poderes constituidos o castigo para as infracções, taes como o abuso que o fanatismo religioso fizer do confissionario e do pulpito.»

E nós a julgarmos que combatiamos os erros do clericalismo, que lhe davamos para baixo nas demasias e que exigiamos dos poderes constituidos o castigo para as infracções! Pois que temos estado sempre aqui a fazer no meio do silencio e da indifferença de todos?

Opponha-se escola a escola, propaganda a propaganda, diz o *Campeão*. A que propaganda se refere? A nossa propaganda é a propaganda aberta e franca do livro, do jornal, da conferencia e do comicio. Toda a gente conhece os nossos programmas, os nossos principios e as nossas crenças. Não os desvirtuamos nem os occultamos. Mandamos a cada um que consulte a sua consciencia para nos seguir ou abandonar com a certeza das responsabilidades que lhe cabem. A nossa politica é uma politica honrada, leal e seria, que combate á luz, deante de todos, tomando por testemunha o universo inteiro.

Entretanto o jesuitismo trabalha na sombra, ás escondidas como um saltador d'estrada. Intriga no seio das familias, onde leva a immoralidade e a desordem. Aproveita-se do cerebro doentio das mulheres e das creanças para infamar a verdade e santificar a infamia. Arrasta atraz de si um cortejo enorme de crimes e vergonhas, que aponta como um santuario de virtudes.

Não proclama principios nem doutrinas. Para servir o interesse que o guia, e que esconde com habilidade, calumnia os adversarios nos recantos da igreja, do collegio, do convento e do salão.

E' covarde como o chacal, traçoero como a vibora e nojento como a toupeira.

A nossa propaganda não se pode pois oppôr á sua. Um cavalleiro valente e nobre nunca deixou de combater nobre e lealmente, com armas eguaes, outro cavalleiro da sua tempera. Mas se encontra um bandido no caminho esmigalha-o o cráneo com a bala d'um revolver.

E' por isso, porque não sabemos assassinar, nem caluniar, nem intrigar, nem infamar que os governos liberaes deportam o clericalismo como deportam os assassinos e ladrões. E' por isso, e só por isso, que o partido

republicano exige da monarchia covarde a applicação da lei contra os jesuitas.

O clericalismo não tem escola, a não sér a escola do crime. Portanto a nossa escola não se compara á d'elles.

O articulista em seguida faz de sabio e bota dissertação historica. Falla-nos em 93, 30, e 48 que elle conhece tão bem como nós conhecemos a face invisivel da lua. E arremessa-se á communa com unhas e dentes. Onde leu a historia da communa? No cartapácio do sr. Pinheiro Chagas? Ora compre melhores livros e estude. Os crimes da communa ficaram eclipsados pelos da semana de maio, praticados com uma cruza inaudita pelos monarchicos ordeiros, que empolgaram a governança.

Poucas palavras mais. Não tratamos nunca um jesuita com consideração. Não discutimos por conseguinte com o jornalista granjola, que varremos do nosso caminho.

Escrevemos para o publico, para que note a má fé e a ignorancia supina d'alguem e para que veja o que são, o que podem e o que promettem esses homens que irrisoriamente se denominam progressistas.

Lembrámos á camara municipal a conveniencia de mandar plantar arvores de boa qualidade nas ruas d'Alfandega e do Caes, do lado da ria. Seria isso um melhoramento importante para a cidade, porque concorreria notavelmente para augmentar a belleza natural d'aquelle magnifico ponto.

Não se pode allegar que se não deem as arvores alli, porque lá estão ellas bastante desenvolidas detraz da capella de S. João, mesmo junto ao caes.

E' preciso que a camara municipal perca o nefasto desamor, que sempre teve pelo arvoredo. N'isso não ficaram tambem a dever nada ao municipio progressista, os antigos municipios constituintes e regenerador que, entre outros vandalismos, praticaram o de destruir o arvoredo do largo da cadéa para satisfazer caprichos infundados.

Esteve ante-hontem em Aveiro o nosso querido amigo e correligionario Eduardo Arvins.

Por um lamentavel descuido typographico deixamos de mencionar no domingo passado o fallecimento do sr. José Leite Ribeiro, caracter honrado e serio, que estimavamos.

Sentimos o triste acontecimento.

A administração do correio providenciou com rapidez e energia contra umas irregularidades, que se deram na transmissão do n.º 77 do nosso jornal.

Agradecemos-lhe.

Consta-nos que a direcção do Theatro Aveirense va remediar uns certos abusos e desleixos do numero dos que aqui apontamos.

Se o fizer, terá os nossos applausos.

Tem-nos esquecido veberar uma verdadeira irregularidade, digna das mais graves censuras. A minoria opposicionista da camara municipal não comparece ás sessões que esta realisa, nem se importa com aquillo para nada. Deixa o sr. Manuel Firmino á larga, a fazer o que lhe vem á cabeça.

Ora o dever da opposição era estar na brecha discutindo todas as medidas municipaes, fustigando os escandalos que encontrasse, pugnando sempre pelos interesses do povo. Assim fazem os partidos que se prezam e que tem a consciencia da propria dignidade. O contrario é annulla-los de todo.

Que olhem os srs. monarchicos para nós e que aprendam a fazer administração independente e seria. Os republicanos não cessam em toda a parte de reclamar com energia moralidade e economia, sem receio de atacar de frente os seus numerosos adversarios.

Um partido que abandona os interesses populares, como o partido regenerador ou constituinte praticou no actual municipio, é indigno de voltar ao poder.

Continuam a sér assistadoras as noticias do cholera. O terrivel flagello não perde nada da sua intensidade no

Egypto. Se abranda n'uma população, rebenta em outra com maior violencia.

Por enquanto, felizmente, não entrou na Europa. Em Londres houve doze casos fataes de cholera, mas esporadicos, segundo parece. Todavia é certo terem morrido uns poucos de cholericos na capital ingleza, o que é grave, muito grave, não obstante serem casos isolados.

Os egypcios oppõem-se a todas as precauções hygienicas. Encerrados detraz d'um fatalismo estúpido encolhem os hombros e não se importam para nada com os progressos da epidemia.

O eminente sabio Pasteur, interrogado sobre a doença choleric, respondeu que a desconhecia.

«Actualmente, disse, para responder ás preoccupações da sciencia torna-se necessario, primeiro que tudo, indagar da primeira causa do flagello. O estado dos nossos conhecimentos actuaes exige que se preste toda a atenção se no sangue, ou em tal ou tal órgão pode viver um sér infinitamente pequeno, mas de natureza a apresentar symptomas eguaes aos do cholera e que determine caracteres da propagação.»

Confirmada a existencia d'este microbio ficaria resolvida a questão para impedir a marcha do mal e suggerir talvez novos meios therapeuticos.»

O dr. Berdier affirma que um medico distincto, observador paciente e tenaz, notou, durante algumas epidemias de febre typhoide e do cholera cuja marcha acompanhou, que os operarios que trabalham com o cobre e que, em virtude da sua profissão, absorvem quotidianamente uma quantidade d'este metal, ficavam incolumes no meio do flagello, não sendo nunca atacados. Muito tempo não se fez caso d'esta descoberta, mas agora que Pasteur demonstra que as molestias epidemicas são produzidas por fermentos, isto é, por séres que vivem no sangue, quando as propriedades physicas ou chemicas d'este liquido lhes convem, comprehende-se como uma diminuta porção de cobre existente no sangue o torna impróprio para alimentar o fermento do cholera ou da febre typhoide.

Será util, pois, absorvermos quotidianamente uma certa doze de cobre, no caso da epidemia.

Lê-se n'um jornal do Porto:

«Duas victimas do fanatismo:— Acabamos de saber de fonte insuspeita, que partira para Lisboa, afim de se incorporar no *sagrado* rebanho das irmãs da caridade, dirigido pelo padre Beirão, uma menina portuense, filha d'uma familia abastada, e que um irmão d'esta menina, animado por certo dos mesmos sentimentos, se dirigira a França para ali professor no instituto do Santo Ignacio de Loidia.

Ambos elles se dedicaram á santissima vida jesuitica de muito boa vontade, e com aprovação de sua mãe, uma viuva respeitavel e respeitada pela sua fortuna e virtudes. A menina é já maior; o irmão, segundo nos affirmam, é que ainda não attingiu a maioridade.

A nova irmã da caridade tem nima legitima de 30 contos e levou quarenta para o instituto. As suas numerosas joias repartiu-as pelas suas amigas beatas, «que as disputam—diz a pessoa que nos informa— como valiosas reliquias.» Poderá não!

Esta menina foi pedida ha tempos em casamento por um distincto cavalleiro do Porto; a sua resposta foi: «O meu noivo está escolhido: é Jesus Cristo.»

E' escusado dizer que tanto ella como seu irmão foram victimas do fanatismo, inoculado por algum confessor jesuita.

Gautella com a seita negra!»

Pervensão

Constando-me que um individuo do Porto se tem dirigido a algumas casas para onde eu forneço vinhos finos, exhibindo mostras que diz serem dos mesmos meus vinhos e offerecendo-os por outros preços, declaro que só as ditas casas os podem obter continuando a tractar directamente comigo.

Julio V. d'Almeida Basto.

Vejamos agora, mesmo muito ao de leve, a harmonia entre a lei e o procedimento da camara de Sever do Vouga, deixando de pagar ao professor e professora da villa.

Os professores anteriores á execucao da lei vigente recebiam fóra de Lisboa, Porto e Funchal, e quando temporarios, 90:000 reis pagos pelo cofre do Estado (decreto de 20 de setembro de 1844, art. 23, e Lei de 20 de fevereiro de 1875, art. 1.º), e 20:000 rs. pagos pelas camaras municipaes (citado Decreto de 20 de setembro, art. 26) alem da gratificacao de frequencia a que se referiam o § unico do art. 5.º d'aquella lei.

A lei de 2 de maio de 1878, ora vigorando, determina no § 1.º do art. 31 que os professores d'instrucao primaria elemental nas povoações urbanas, considerando-se assim as cabeças de concelho, não podem ter d'ordenado fixo menos de 120:000 reis; e no seu art. 71 garante para todos os effeitos os direitos adquiridos, devendo portanto os professores de cabeça de concelho, mesmo elementares, receber o fixo minimo de 140:000 reis.

E foi assim que entendeu e fez a camara de Sever desde a execucao da actual lei até ha pouco.

Faltou depois dinheiro no cofre municipal porque... o dinheiro não chega para tudo. E zás... corta-se o nó gordio. Commanda o piloto da jançada:—o professor e professora da villa tem recebido dinheiro a mais porque... porque eu assim o entendo; mas quem recebe de mais está adiantado e quem está adiantado entra em descontos. E a egrejinha boroeira applaudia.

E os dois esfomeados foram chamados e intimados a concordar que não deviam receber nada do ultimo trimestre de 82 e a applaudir tambem. Gloria a Cesar Fernandes e ao Sancho Pansa tambem!

A fome, porem, produz uns humores pouco accommodaticios. Os professores abstinentes matutaram no caso e lembraram-se da lei, procurando como todos os desgraçados abrigar-se á sombra d'essa sombra, só effectiva quando protege os fortes.

Dando, pois, muito de barato por desnecessario, a questáo dos 140:000 reis, ou menos ou mais, dizem só:

Os ordenados fixos dos professores são pagos mensalmente (Lei de 2 de maio de 1878, art. 37), por meio de folhas processadas na secretaria da camara e mandadas pagar pelo presidente (Cod. Adm., art. 133) o qual não deve ordenar pagamento para que não tenha verba autorisada no orçamento (Cod. Adm., art. 135 n.º 2.º) e cuja despesa não esteja legalmente comprovada (Cod. Adm., art. 137).

Se, pois, a camara pagou durante uns poucos de mezes aos professores na razão de 140:000 reis por anno, não pôde depois, mesmo que tivesse pagado de mais, deixar de lhes pagar qualquer mez pelas seguintes razões:—1.ª, porque ninguém pode pagar-se por suas mães (excepto os moleiros); 2.ª, porque nos termos do art. 758 do Cod. Civ. quando alguém paga o que realmente não deve (e a camara devia-o, porque deliberou pagal-o e podia fazel-o), só o pôde recobrar provando erro de facto ou de direito (e a camara nem sequer o pode allegar), e sobretudo provando que o professor, recebeu de má fé, o que aquí nem sequer se presume; 3.ª, porque é principio constitucional (Carta Constitucional, art. 145, § 2.º, e Cod. Civ., art. 8.º), que nem as leis nem as liberações das corporações administrativas que na sua esphera a ellas equivalem, tem effeito retroactivo; 4.ª, porque, quando mesmo tivesse havido excesso da autorisacao e pagamento illegal, a responsabilidade era do presidente, e tornar-se-lia effectiva no julgamento das contas (Cod. Adm. arts. 137, 372 e 374).

E' opinião nossa que os offendidos nos seus direitos devem recorrer para o conselho de districto que não contribuirá por sua parte para confirmar o que se diz:— que os tribunaes administrativos entre nós são essencialmente petrias.

Quem fór do Bispo ao cortejo Vai direitinho para o céu Levando sobre a cabeça Um portatil chapéu!

E' bem commodo e barato! Um prego que a todos tentat Custam somentes reaes Quatro centos e cincoenta!

Para ter pois o caminho Do céu que facil maneiral —E' comprar chapéu portatil No Eduardo Ferreira.

Lá na Praça do Commercio Loja N.º 26, Onde há garrafas do Porto E da Madeira toneis.

Carolas á Praça todos... Madeira, Porto e chapéus E' comprar, ireis direitos Parar aos Reinas dos Céus!

PHARMACIA

VENDE-SE a da Costa-de-Vallade, a 7 kilometros d'Aveiro. Está bem sortida e afreguezada e em bom local. Para esclarecimentos ou tratar, dirigir-se a Bento Casimiro Feio, no mesmo lugar.

SINGER!

A MAIS IMPORTANTE COMPANHIA DO MUNDO!

GRANDE NOVIDADE

A COMPANHIA FABRIL SINGER

apresenta ao publico um magnifico sortido das suas excellentes e mais modernas

PRIVILEGIO EM PORTUGAL POR 20 ANOS



GARANTIA POSITIVA E ILLIMITADA

DE LANCADEIRA OSCILLANTE

E' esta a revolução mais completa que tem havido nas máchinas de costura; trabalho facil e perfeito.

O pesponto o mais elastico e o mais perfeito.

Para se convencerem da verdade vinde ás casas abaixo indicadas onde se darão todos os esclarecimentos.

ENSINO GRATIS! CONCERTO GRATIS!

500 reis semeaes, e 10 por centó a dinheiro.

CUIDADO COM AS IMITACOES COMPANHIA FABRIL SINGER

76, Rua de José Estevão, 79 Pegado ao Edificio da caixa Economica

AVEIRO

52, Largo da Praça, 53

OVAR

N. B. Em Espinho vende-se tambem na casa de Carlos Evaristo Felix da Costa.

NOVIDADE!

Ourivesaria Manu-factora

14—RUA DAS BARCAS—16

AVEIRO

José Eduardo Mourão

Vinho de Bucellas

No Restaurante do THEATRO AVEIRENSE, que se acha aberto todos os dias, das 3 horas da tarde até á meia noite, encontram-se á venda, alem de outras bebidas excellentes vinhos do Porto, e de Bucellas, sendo estes antigos, e pertencentes á Quinta da Romeira, propriedade que foi do fallecido sr. Marquez de Castello Melhor.

Tem tambem á venda tabacos das principaes fabricas, doce e outros artigos. Preços Comodos.

BAIXA DE PREÇO

Sabão amarello gordo de boa qualidade a 1:600 reis por cada arroba antiga (14,688) e a retalho a 120 reis o kilo, vende-se na loja de Fernandes Melicio na rua Direita em Aveiro.

E vinho do Porto desde 180 a 500 reis a garrafa.

Malvasia superior a 500 reis e Mascalal a 400 reis, assim como ao opo a 20 e 30 reis.

ATTENÇÃO

João Antonio da Graça acaba de receber um grande sortido de balões venezianos, assim como uma grande colleção de bandeiras, as quaes aluga por preços muito commodos.

O mesmo annunciante se encarrega da collocação de illuminação nos arraiaes, assim como adornamentos de ruas.

Aveiro, Rua de José Estevão n.º 24.

VENDEM-SE

Duas commodas de nogueira preta de raiz, com pedras de marmore branco.

E' o mais bonito e melhor que se pode encontrar em nogueira preta.

Quem as desejar ver e comprar, pode dirigir-se á

5—Rua d'Alfandega—6

NO PRELO

O CORPO HUMANO

Edição Illustrada

Esta obra, illustrada com 44 GRAVURAS elucidativas do texto, precedida d'uma gravura colorida representando a circulação do sangue (pulmões, arterias e veias) e impressa em MAGNIFICO PAPEL, formará um grosso volume in-8.º de 400 paginas, pouco mais ou menos.

Afim de facilitar-nos a acquisição d'esta excellente publicação, resolvemos dividil-a em 5 FASCICULOS, custando cada um 200 reis.

O prospecto é remetido a quem o pedir a

ERNESTO CHARDRON, EDITOR PORTO

ENCADERNADOR

93—RUA DIREITA—93

AVEIRO

Nicolau A. S. Guerra, acaba de abrir a sua officina, na Rua Direita n.º 93.

Encarrega-se de toda e qualquer encadernação por preços excessivamente modicos; garante a promptidão e perfeição do seu trabalho.

Cabelleireiro

PRAÇA DA FRUCTA AVEIRO

Antonio de Lemos Junior, com estabelecimento de cabelleireiro na Praça da Fructa, participa ao publico aveirense, que acaba de receber uma porção de bixas francezas da primeira qualidade. Tambem se encontra no mesmo estabelecimento um preparado especial para lavar a cabeça.

TOUROS



TOUROS

PRAÇA DE TOUROS

EM

AVEIRO

Domingo 5 de agosto ás 5 h. da tarde

Haverá no dia 5 do proximo mez de agosto, uma corrida de 6 bravissimos touros escolhidos a capricho da manada do sr. José Joaquim d'Oliveira, d'esta cidade, em beneficio do habil corioso Frederico Trapa e de José Pereira da Silva, o preto.

Tomam tambem parte n'este espectáculo, em obsequio aos beneficiados, o amator, Antonio da Costa, d'esta cidade, assim como Francisco Xavier, e Antonio Sampaio, o mudo.

O beneficiado Trapa saltará um boi sem vara, e o beneficiado José Pereira da Silva, o preto, fará as cortezias e picará um boi a cavallo e pagará outro de costas assentado n'um banco.

Os beneficiados esperam que o espectáculo seja em tudo agradável, e em vista dos muitos favores que o respeitavel publico Aveirense lhe tem dispensado espera mais uma vez, da sua venevolencia, a sua concorrência ao beneficio.

PREÇOS

Camartotes de sombra, 15500 rs.—Ditos de Sol, 15000 rs.—Superior 210 rs.—Sombra, 160 rs.—Galerias 140 rs.—Sol 120 rs..

OFFICINA DE SERRALHARIA

DE

JOÃO AUGUSTO DE SOUZA

4—Largo da Apresentação—6

EM

AVEIRO

N'esta officina fazem-se portões, grades, lavatorios, fogões, e camas de preço de reis 8\$000 a 1\$400.

DOMINGOS LUIZ VALENTE D'ALMEIDA

COM

OFFICINA DE SERRALHARIA

EM



FORNECE lojas de ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systems, parafusos de toda a qualidade; ferragens estrangeiras, camas de ferro de armar sem parafuso do preço de 15000 a 95000, fogões chumbo em barra, prego d'arame, bico de cobre, de ferro, balmazes de latão, carda ingleza, panellas de ferro, balanças decimaes, e tudo pertencente ao seu ramo.

Preços sem competencia.

Fabrica de Bolacha e Biscoutos

DE

AUGUSTO DA SILVA TEIXEIRA

CONVENTO DA ESTRELLA

COIMBRA

Table with columns for BOLACHA and BISCOUTOS, listing various products and prices in Kilo and rs.

COMPANHIA

DAS

Messengeries Maritimes

(8)



(23)

A Empresa protectora, por contracto com a dita companhia offerece passagem nos magnificos paquetes francezas a sahirem de Lisboa: GONGO em 8 de agosto, Pernambuco, Labia Rio de Janeiro, Montevideo, e Buenos Ayres. — NIGGER em 22 de agosto directamente ao Rio de Janeiro, Montevideo e Buenos Ayres.

A mesa de 1.ª classe é commum para os sr.ºs passageiros de 2.ª. Tracta-se em AVEIRO, Agencia Central, com PAULO DE SOUSA VEZEIRA 48—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—50

ANNUNCIOS